**O Capital
Crítica da Economia Política
Karl Marx**

Livro Primeiro: O processo de produção do capital

Terceira Seção: *A produção da mais-valia absoluta*

Quinto capítulo. Processo de trabalho e processo de valorização

*1. Processo de trabalho*

O uso da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a na medida em que faz trabalhar o seu vendedor. Este último torna-se assim *actu*[(1\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr1), força de trabalho actuante, operário — o que antes ele apenas *potentia*[(2\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr2) era. Para manifestar o seu trabalho em mercadorias tem de manifestá-lo antes de tudo em valores de uso, coisas que servem para a satisfação de necessidades de qualquer espécie. O que um capitalista manda fazer ao operário, um determinado artigo, é portanto um valor de uso particular. A produção de valores de uso ou bens não modifica a sua natureza universal por se processar a favor do capitalista e sob o seu controlo. O processo de trabalho é, pois, de considerar, antes de mais, independentemente de qualquer forma social determinada.

O trabalho é, antes de mais, um processo entre homem e Natureza, um processo em que o homem medeia, regula e controla a sua troca material com a Natureza através da sua própria acção. Ele faz face à própria matéria da Natureza como um poder da Natureza. Ele põe em movimento as forças da Natureza que pertencem à sua corporalidade — braços e pernas, cabeça e mão — para se apropriar da matéria da Natureza numa forma utilizável para a sua própria vida. Ao actuar, por este movimento, sobre a Natureza fora dele e ao transformá-la transforma simultaneamente a sua própria natureza.

Desenvolve as potências nela adormecidas e submete o jogo das suas forças ao seu próprio domínio. Não estamos aqui a tratar das primeiras formas de trabalho, animalescamente instintivas. Do estado em que o operário, enquanto vendedor da sua força de trabalho própria, entra no mercado das mercadorias, distancia-se, em pano de fundo primevo, o estado em que o trabalho humano ainda não se tinha descartado da sua primeira forma instintiva. Nós supomos o trabalho numa forma em que ele pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha realiza operações que se assemelham às do tecelão e uma abelha, através da construção dos seus alvéolos de cera, envergonha muitos mestres-de-obras humanos. O que, porém, de antemão distingue o pior mestre-de-obras da melhor abelha é que ele construiu o alvéolo na sua cabeça antes de o construir em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que, no começo do mesmo, já na ideia do operário, portanto, já idealmente, se achava presente. Não que ele apenas opere uma modificação de forma do natural; ele realiza, ao mesmo tempo, no natural o seu objectivo, que ele conhece, e que determina como lei o modo do seu agir e ao qual ele tem de subordinar a sua vontade. E esta subordinação não é nenhum acto isolado. Para além do esforço dos órgãos que trabalham é requerida, para toda a duração do trabalho, a vontade conforme ao objectivo, que se exterioriza como atenção, e é tanto mais requerida quanto menos ele — pelo próprio conteúdo e o modo da sua execução — entusiasma o operário, quanto menos este desfrute daquele como jogo das suas próprias forças corporais e espirituais.

Os momentos simples do processo de trabalho são a actividade conforme ao objectivo, ou o próprio trabalho, o seu objecto e o seu meio.

A terra (na qual economicamente também a água está compreendida), tal como originariamente abastece o homem de víveres, meios de vida [já] prontos[(3\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr3), apresenta-se, sem a sua intervenção, como o objecto universal do trabalho humano. Todas as coisas que o trabalho apenas destaca da sua conexão imediata com o todo terrestre são por natureza objectos de trabalho que se lhe apresentam. Assim sucede com o peixe que é separado, capturado do seu elemento de vida, a água; com a madeira que é cortada na floresta virgem; com o minério que é extraído do seu filão. Se, pelo contrário, o objecto de trabalho se encontra já, por assim dizer, filtrado por trabalho anterior, então chamamos-lhe matéria-prima. Por exemplo, o minério já extraído, que agora é lavado. Toda a matéria-prima é objecto de trabalho, mas nem todo o objecto de trabalho é matéria-prima. O objecto de trabalho só é matéria-prima quando já experimentou uma modificação mediada por trabalho.

O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o operário interpõe entre si e o objecto de trabalho e que lhe servem de guia da sua actividade sobre este objecto. Ele utiliza as propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas para as fazer agir como meios de poder sobre outras coisas conforme o seu objectivo[(4\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr4). O objecto do qual o operário imediatamente se apodera — abstraindo da tomada de meios de vida [já] prontos, de frutos p. ex., em que os seus próprios órgãos corporais servem, por si sós, de meios de trabalho — não é o objecto de trabalho, mas o meio de trabalho. Assim o próprio natural torna-se órgão da sua actividade, um órgão que ele acrescenta aos seus próprios órgãos corporais, prolongando a sua figura natural, apesar da Bíblia. Assim como a terra é a sua despensa originária, ela é o seu arsenal originário de meios de trabalho. Ela fornece-lhe, p. ex., a pedra, com a qual ele atira, esfrega, esmaga, corta, etc. A própria terra é um meio de trabalho; contudo, pressupõe ao seu serviço, como meio de trabalho na agricultura, de novo toda uma série de outros meios de trabalho e um desenvolvimento já relativamente elevado da força de trabalho[(5\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr5). Logo que, em geral, o processo de trabalho está em alguma medida desenvolvido precisa já de meios de trabalho elaborados. Nas mais antigas cavernas humanas encontramos instrumentos de pedra e armas de pedra. Ao lado da pedra, da madeira, do osso, das conchas trabalhadas, o animal criado, domesticado — ele próprio, pois, já modificado por trabalho — desempenha, no começo da história humana, o papel principal como meio de trabalho[(6\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr6). O uso e a criação de meios de trabalho, apesar de em germe ser já próprio de certas espécies animais, caracterizam o processo de trabalho especificamente humano, e [Franklin](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/f/franklin_benjamin.htm) define assim o homem como *«a toolmaking animal»,* um animal que fabrica instrumentos. A mesma importância que tem a estrutura dos vestígios de ossos para o conhecimento da organização de géneros animais extintos, têm os vestígios de meios de trabalho para o ajuizamento de formações económicas da sociedade extintas. O que distingue as épocas económicas[(7\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr7) não é o que é feito, mas como, com que meios de trabalho é feito. Os meios de trabalho são não apenas medidores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das relações sociais em que se trabalha. Entre os próprios meios de trabalho, os meios de trabalho mecânicos — a cuja totalidade se pode chamar o sistema ósseo e muscular da produção — oferecem marcas características muito mais decisivas de uma época social de produção do que aqueles meios de trabalho que apenas servem de reservatórios do objecto de trabalho e cuja totalidade dum modo geral pode ser designada como o sistema vascular da produção, como, p. ex., tubos, pipas, cestos, bilhas, etc. Só na fabricação química eles desempenham um papel significativo[(8\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr8).

Em sentido mais amplo, o processo de trabalho conta entre os seus meios — fora as coisas que medeiam a acção do trabalho sobre o seu objecto e servem, portanto, de um modo ou de outro, como guias da actividade — todas as condições objectivas que são afinal requeridas para que o processo tenha lugar. Elas não entram directamente nele, mas ele sem elas não pode de modo algum ou pode apenas imperfeitamente processar-se. O meio de trabalho universal desta espécie é, de novo, a própria terra, pois ela dá ao operário o *locus standi*[(9\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr9) e ao seu processo o campo de acção *(field of employment).* Meios de trabalho desta espécie, já mediados pelo trabalho, são, p. ex., edifícios de trabalho, canais, ruas, etc.

No processo de trabalho, a actividade do homem através do meio de trabalho opera, pois, uma modificação do objecto de trabalho que de antemão visa um fim. O processo extingue-se no produto. O seu produto é um valor de uso, uma matéria da Natureza apropriada às necessidades humanas por modificação de forma. O trabalho uniu-se com o seu objecto. Aquele está objectivado e o objecto está elaborado. O que, pelo lado do operário, aparecia na forma do não-repouso, aparece agora, pelo lado do produto, como propriedade em repouso, na forma do ser. Ele fiou e o produto é um fio.

Se considerarmos todo o processo do ponto de vista do seu resultado, do produto, então ambos — meio de trabalho e objecto de trabalho — aparecem como meios de produção[(10\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr10) e o próprio trabalho como trabalho produtivo[(11\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr11).

Quando um valor de uso resulta do processo de trabalho como produto, entram nele outros valores de uso — produtos de anteriores processos de trabalho — como meios de produção. O mesmo valor de uso que é produto deste trabalho forma o meio de produção daquele trabalho. Os produtos não são, pois, apenas resultado, mas simultaneamente condição do processo de trabalho.

A excepção da indústria extractiva — como a mineração, a caça, a pesca, etc, (a agricultura apenas na medida em que, em primeira instância, arroteia a própria terra virgem) —, cujo objecto de trabalho é dado pela Natureza, todos os ramos da indústria tratam um objecto que é matéria-prima, i. é, objecto de trabalho já filtrado pelo trabalho, já ele próprio produto do trabalho. Assim, p. ex., a semente na agricultura. Animais e plantas, que se costumam considerar como produtos da Natureza, são não só produtos talvez do trabalho do ano anterior, mas, nas suas formas actuais, são produtos de uma transformação continuada por muitas gerações sob controlo humano, por intermédio de trabalho humano. Todavia, no que respeita particularmente aos meios de trabalho, a sua imensa maioria mostra, ao olhar mais superficial, o vestígio de trabalho passado.

A matéria-prima pode formar a substância principal de um produto ou apenas entrar como matéria auxiliar na sua formação. A matéria auxiliar é consumida pelo meio de trabalho, tal como o carvão pela máquina a vapor, o óleo pela roda, o feno pelo cavalo de tiro; ou acrescentado à matéria-prima para aí operar uma modificação material, como o cloro para o pano não branqueado, o carvão para o ferro, a tinta para a lã; ou apoia a realização do próprio trabalho, como, p. ex., as matérias empregues para a iluminação e aquecimento do local de trabalho. A diferença entre matéria principal e matéria auxiliar dissipa-se na fabricação química propriamente dita, dado que nenhuma das matérias-primas empregues volta a aparecer como a substância do produto[(12\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr12).

Dado que cada coisa possui variadas propriedades e é, portanto, capaz de aplicação útil diversa, o mesmo produto pode constituir matéria-prima de processos de trabalho muito diversos. O cereal, p. ex., é matéria-prima para o moleiro, o fabricante de amido, o destilador, o criador de gado, etc. Como semente, torna-se matéria-prima da sua própria produção. Assim o carvão sai da indústria mineira como produto e entra nela como meio de produção.

O mesmo produto pode, no mesmo processo de trabalho, servir como meio de trabalho e matéria-prima. Na engorda, p. ex., onde o gado — a matéria-prima elaborada — é simultaneamente meio de preparação do estrume.

Um produto que existe numa forma pronta para consumo pode de novo tornar-se matéria-prima de um outro produto, como a uva em matéria-prima do vinho. Ou o trabalho liberta o seu produto em formas em que ele só é novamente utilizável como matéria-prima. Matéria-prima neste estado chama-se semifabricado e melhor se chamaria fabricado por fases, como, p. ex., algodão, linha, fio, etc. Embora ela mesma seja já produto, a matéria-prima originária pode ter de percorrer todo uma escala de diversos processos, em que ela em figura sempre modificada funciona sempre de novo como matéria-prima até ao último processo de trabalho, que se desfaz dela como meio de vida pronto ou meio de trabalho pronto.

Como se vê, que um valor de uso apareça como matéria-prima, meio de trabalho ou produto, depende totalmente da sua função determinada no processo de trabalho, do lugar que nele ocupa e com a mudança deste lugar mudam aquelas determinações.

Pela sua entrada como meios de produção em novos processos de trabalho, os produtos perdem, pois, o carácter de produto. Eles funcionam apenas como factores objectivos do trabalho vivo. O fiandeiro trata o fuso apenas como meio com o qual fia, o linho apenas como objecto que ele fia. Sem dúvida, não se pode fiar sem material de fiar e fuso. A presença destes produtos[(14\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr14) está, pois, pressuposta no início da fiação. Todavia, é indiferente neste processo que linho e fuso sejam produtos de trabalho passado, tal como no acto da nutrição é indiferente que o pão seja produto dos trabalhos passados do camponês, do moleiro, do padeiro, etc. Inversamente. Se os meios de produção, no processo de trabalho, fazem valer o seu carácter como produtos de trabalho passado, fazem-no através dos seus defeitos. Uma faca que não corta, um fio que constantemente se rompe, etc, recordam vivamente o cuteleiro *A* e o encerador de fio *E.* No produto bem feito, a mediação das suas propriedades de uso por trabalho passado está apagada.

Uma máquina que não serve no processo de trabalho é inútil. Além disso, rui sob o poder destruidor da troca material natural. O ferro enferruja, a madeira apodrece. Fio que não é tecido nem feito em malha é algodão estragado. O trabalho vivo tem de agarrar nestas coisas, ressuscitá-las dos mortos, transformá-las de valores de uso apenas possíveis em valores de uso reais e actuantes. Lambidas pelo fogo do trabalho, assimiladas como corpos desse mesmo trabalho, animadas para as suas funções conceptuais e vocacionais no processo, elas são também consumidas, mas com finalidade, como elementos de formação de novos valores de uso, de novos produtos, que são capazes de entrar como meios de vida no consumo individual ou, como meios de produção, num novo processo de trabalho.

Se, pois, produtos dados não são apenas resultados, mas também condições de existência do processo de trabalho, por outro lado, o único meio de conservar e realizar estes produtos de trabalho passado como valores de uso é lançá-los nele, portanto, é o seu contacto com trabalho vivo.

O trabalho consome os seus elementos materiais, o seu objecto e os seus meios, digere-os e é, pois, processo de consumo. Este consumo produtivo distingue-se do consumo individual por o último consumir os produtos como meios de vida do indivíduo vivo, o primeiro como meios de vida do trabalho, da sua força de trabalho actuante. O produto do consumo individual é, portanto, o próprio consumidor, o resultado do consumo produtivo é um produto distinto do consumidor.

Na medida em que os seus meios e o seu objecto são eles próprios já produtos, o trabalho consome produtos para criar produtos, ou gasta produtos como meios de produção de produtos. Porém, assim como o processo de trabalho, originariamente, se processa apenas entre o homem e a terra, dada sem a sua intervenção, também nele continuam a servir semelhantes meios de produção que, dados por Natureza, não manifestam qualquer união de matéria da Natureza e trabalho humano.

O processo de trabalho, tal como nós o apresentámos nos seus momentos simples e abstractos, é actividade conforme a um fim para a fabricação de valores de uso, apropriação do natural para necessidades humanas, condição universal da troca material entre homem e Natureza, eterna condição natural da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, antes, igualmente comum a todas as suas formas de sociedade. Não precisávamos, portanto, de mostrar o operário na relação com outros operários. O homem e o seu trabalho por um lado, a Natureza e as suas matérias por outro, bastavam. Assim como o gosto do trigo não diz quem o cultivou, tão pouco nesse processo se vê em que condições ele se processa, se sob o chicote brutal do capataz de escravos ou sob o olhar ansioso do capitalista, se é [Cincinnatus](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cincinnatus.htm) que o executa no cultivo do seu par de *jugera*[(15\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr15) ou o selvagem que com uma pedra mata uma fera[(16\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr16).

Voltemos ao nosso capitalista *in spe*[(17\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tr17). Deixámo-lo depois de ele ter comprado no mercado das mercadorias todos os factores necessários para um processo de trabalho, os factores objectivos ou os meios de produção, o factor pessoal ou a força de trabalho. Com olhar ladino de entendedor, ele escolheu os meios de produção e forças de trabalho ajustadas ao seu negócio particular, fiação, fabricação de botas, etc. O nosso capitalista põe-se, pois, a consumir a mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, i. é, ele faz o portador da força de trabalho, o operário, consumir os meios de produção pelo seu trabalho. A natureza universal do processo de trabalho não se altera naturalmente por o operário o executar para o capitalista, em vez de para si próprio. Mas também o modo determinado como alguém faz botas ou fia fio não se pode modificar, primeiro, pela intromissão do capitalista. Primeiro, ele tem de tomar a força de trabalho tal como a encontra no mercado, portanto também o seu trabalho tal como surgiu num período em que ainda não havia capitalistas. A transformação do próprio modo de produção pela subordinação do trabalho ao capital só pode dar-se mais tarde e, por isso, só mais tarde será considerada.

O processo de trabalho, tal como decorre como processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista, mostra agora dois fenómenos peculiares.

O operário trabalha sob o controlo do capitalista, a quem o seu trabalho pertence. O capitalista está atento a que o trabalho progrida ordenadamente e os meios de produção sejam empregues em conformidade ao fim, e portanto que nenhuma matéria-prima seja desperdiçada e que o instrumento de trabalho seja poupado, i. é, seja apenas destruído na medida em que o seu uso no trabalho o torne necessário.

Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o operário. O capitalista paga, p. ex., o valor diário da força de trabalho. O seu uso, como o de qualquer outra mercadoria, p. ex., de um cavalo, que ele aluga por um dia, pertence-lhe pois por aquele dia. Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho ao dar o seu trabalho dá, de facto, apenas o valor de uso por ele vendido. Desde o momento em que entrou na oficina do capitalista, o valor de uso da sua força de trabalho, portanto o seu uso, o trabalho, passou a pertencer ao capitalista. O capitalista, pela compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como matéria viva de fermentação, aos elementos de formação do produto mortos, e a ele igualmente pertencentes. Do seu ponto de vista, o processo de trabalho é apenas o consumo da mercadoria por ele comprada, força de trabalho, que ele porém só pode consumir ao acrescentar-lhe meios de produção. O processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas a ele pertencentes. O produto deste processo pertence-lhe, pois, tanto como o produto do processo de fermentação na sua adega[(18\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr18).

**Notas de rodapé:**

(1\*) Em latim no texto: em acto. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r1))

(2\*) Em latim no texto: em potência. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r2))

(3\*) «Sendo as produções espontâneas da terra em pequena quantidade e completamente independentes do homem, aparecem como se fossem fornecidas pela Natureza, da mesma maneira que a um jovem é dada uma pequena soma a fim de o colocar numa via industriosa e de fazer fortuna.» ([James Steuart](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/steuart_james.htm), Principies of Polit. Econ., edit. Dublin, 1770, v. I, p. 116.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r3))

(4\*) «A razão é tão astuciosa quanto poderosa. A astúcia consiste sobretudo na actividade mediadora que, ao deixar os objectos, segundo a sua própria natureza, actuarem uns sobre os outros e saturarem-se uns aos outros, sem se intrometer imediatamente neste processo, não obstante apenas realiza o seu objectivo.» ([Hegel](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/h/hegel.htm), Enzyklopädie, Erster Teil, Die Logik, Berlin, 1840, p. 382.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r4))

(5\*) No escrito aliás lastimoso: Théorie de l'écon. polit., Paris, 1815, [Ganilh](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ganilh_charles.htm) enumera muito a propósito face aos fisiocratas a grande lista de processos de trabalho que formam o pressuposto da agricultura propriamente dita. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r5))

(6\*) Nas Réflexions sur la formation et la distribution des richesses (1766) [Turgot](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/t/turgot.htm) desenvolve bem a importância do animal domesticado para os começos da civilização. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r6))

(7\*) De todas as mercadorias, as mercadorias de luxo propriamente ditas são as mais insignificantes para a comparação tecnológica de diversas épocas de produção. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r7))

(8\*) Nota à 2.ª ed. Por pouco que a historiografia até agora conheça o desenvolvimento da produção material — portanto a base de toda a vida social e, assim, de toda a história real —, pelo menos dividiu-se o tempo pré-histórico em Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro, segundo o material dos instrumentos e armas na base de pesquisas científico-naturais, não das chamadas históricas. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r8))

(9\*) Em latim no texto: o sítio de estar. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r9))

(10\*) Parece paradoxal chamar, p. ex., ao peixe, que ainda não foi apanhado, um meio de produção para a pesca. Contudo, até agora ainda não se inventou a arte de se apanharem peixes em águas nas quais eles não se encontram. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r10))

(11\*) Esta determinação de trabalho produtivo, tal como resulta do ponto de vista do processo de trabalho simples, não basta de modo algum para o processo de Produção capitalista. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r11))

(12\*) [Storch](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/storch_heinrich.htm) distingue a matéria-prima propriamente dita como «matière» das matérias auxiliares como «matériaux»[[N65]](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tn65); [Cherbuliez](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cherbuliez_antoine.htm) designa as matérias auxiliares como «matières instrumentales»[(13\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#tr13)[[N66]](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm%22%20%5Cl%20%22tn66). ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r12))

(13\*) Em francês no texto, respectivamente: «matéria», «materiais», «matérias instrumentais». (Nota edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r13))

(14\*) 4.ª edição: deste produto. (Nota da edição alemã.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r14))

(15\*) Em latim no texto: jeiras. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r15))

(16\*) Por esta razão altamente lógica, o coronel [Torrens](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/t/torrens_robert.htm) descobre na pedra do selvagem — a origem do capital. «Na primeira pedra que ele [o selvagem] atira ao animal selvagem que persegue, no primeiro pau que agarra para atirar ao chão o fruto que está acima do seu alcance, vemos a apropriação de um artigo com o propósito de ajudar à aquisição de outro e assim descobrimos a origem do capital.» ([R. Torrens](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/t/torrens_robert.htm), An Essay on the Production of Wealth, etc, pp. 70, 71.) Partindo daquele primeiro pau [em alemão: Stock] também talvez se possa explicar por que razão stock em inglês é sinónimo de capital. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r16))

(17\*) Em latim no texto: potencial. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r17))

(18\*) «Os produtos são [...] apropriados antes de serem convertidos em capital, e esta conversão não os liberta da apropriação.» ([Cherbuliez](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cherbuliez_antoine.htm%22%20%5Ct%20%22_blank), Richesse ou Pauvreté, édit. Paris, 1841, p. 54.) «O proletário, dando o seu trabalho contra um aprovisionamento (approvisionnement) determinado [...] renuncia completamente a qualquer direito [...] sobre os produtos que o seu trabalho faça nascer [...]. A atribuição desses produtos permanece o que era antes; ela não é de modo nenhum modificada pela convenção de que se trata. Os produtos, numa palavra, continuam a pertencer exclusivamente ao capitalista que forneceu as matérias-primas e o aprovisionamento. Isso é uma consequência rigorosa da lei de apropriação, desta mesma lei cujo princípio fundamental era a atribuição exclusiva a cada trabalhador dos produtos do seu trabalho.» (L. c, p. 58.) [James Mill](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mill_james.htm), Elements of Pol Econ., etc, pp. 70, 71: «Quando os trabalhadores recebem salários pelo seu trabalho [...] o capitalista é então o dono não apenas do capital» (quer aqui dizer os meios de produção), «mas também do trabalho. Se aquilo que é pago como salários está incluído, como comummente está, no termo capital, é absurdo falar de trabalho separadamente de capital. A palavra capital, tal como é empregue, inclui ambas as coisas, capital e trabalho.» ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#r18))

**Notas de fim de tomo:**

[N65] [Henri Storch](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/storch_heinrich.htm), Cours d'économie politique, ou exposition des príncipes qui déterminent la prospérité des nations. Tome I, St. Pétersbourg, 1815, p. 288. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#n65))

[N66] [Antoine Cherbuliez](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cherbuliez_antoine.htm), Richesse ou pauvreté. Exposition des causes et des effets de la distribution actuelle des richesses sociales. Paris, 1841, p. 14. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/01.htm#n66))

**O Capital
Crítica da Economia Política
Karl Marx**

Livro Primeiro: O processo de produção do capital

Terceira Seção: *A produção da mais-valia absoluta*

Quinto capítulo. Processo de trabalho e processo de valorização

*2. Processo de valorização*

O produto — a propriedade do capitalista — é um valor de uso, fio, botas, etc. Mas embora as botas, p. ex., formem em certa medida a base do progresso social e o nosso capitalista seja um decidido homem de progresso, ele não fabrica as botas por causa delas próprias. Na produção de mercadorias o valor de uso não é de modo algum a coisa *qu'on aime pour elle-même*[(1\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr1). Os valores de uso são aqui apenas e em geral produzidos porque e na medida em que são substracto material, portadores do valor de troca. E para o nosso capitalista trata-se de duas coisas. Em primeiro lugar, ele quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E, em segundo lugar, quer produzir uma mercadoria cujo valor seja superior à soma de valor das mercadorias requeridas para a sua produção, dos meios de produção e da força de trabalho para os quais ele adiantou, no mercado de mercadorias, o seu rico dinheiro. Ele não quer apenas produzir um valor de uso, mas uma mercadoria; não apenas valor de uso, mas valor; e não apenas valor, mas também mais-valia.

De facto, dado que aqui se trata de produção de mercadorias, considerámos até aqui — manifestamente — apenas um lado do processo. Como a própria mercadoria é unidade de valor de uso e valor, o seu processo de produção tem de ser unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor.

Consideremos agora o processo de produção também como processo de formação de valor.

Sabemos que o valor de cada mercadoria é determinado pelo *quantum* de trabalho materializado no seu valor de uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção. Isto vale também para o produto que adveio para o nosso capitalista em resultado do processo de trabalho. Há, pois, que calcular antes de mais o trabalho objectivado neste produto.

Tomemos, p. ex., o. fio.

Para a fabricação do fio foi primeiro precisa a sua matéria-prima, p. ex., 10 libras de algodão. Não há primeiro que investigar qual o valor do algodão, pois o capitalista comprou-o no mercado pelo seu valor, p. ex., por 10 sh. No preço do algodão, o trabalho requerido para a sua produção está já manifestado como trabalho universalmente social. Queremos ainda admitir que a massa de fusos consumida na elaboração do algodão, que representa para nós todos os outros meios de trabalho utilizados, possui um valor de 2 sh. Se uma massa de ouro de 12 sh. é o produto de 24 horas de trabalho ou dois dias de trabalho, logo se segue que no fio estão objectivados dois dias de trabalho.

A circunstância de que o algodão tenha modificado a sua forma e a massa de fuso consumida tenha completamente desaparecido não nos deve confundir. Segundo a lei universal do valor, 10 libras de fio são, p. ex., um equivalente para 10 libras de algodão e 1/4 de fuso, se o valor de 40 libras de fio = ao valor de 40 libras de algodão + o valor de um fuso inteiro, i. é, se é exigido o mesmo tempo de trabalho para produzir ambos os membros desta equação. Neste caso, manifesta-se o mesmo tempo de trabalho uma vez no valor de uso fio, outra vez nos valores de uso algodão e fuso. Ao valor é, pelo contrário, indiferente que apareça em fio, fuso ou algodão. Que fuso e algodão, em vez de estarem tranquilamente lado a lado, consintam uma ligação no processo de fiar, que modifica as suas formas de uso e os transforma em fio, não afecta mais o seu valor do que se tivessem sido trocados, contra um equivalente de fio, por troca simples.

O tempo de trabalho requerido para a produção do algodão faz parte do tempo de trabalho requerido para a produção do fio, cuja matéria-prima ele constitui, e está portanto contido no fio. A mesma coisa se passa com o tempo de trabalho que é requerido para a produção da massa de fusos sem cujo desgaste ou consumo o algodão não pode ser fiado[(2\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr2).

Na medida em que se considera, portanto, o valor do fio — [ou seja] o tempo de trabalho requerido para a sua fabricação — podem ser considerados como diversas fases sucessivas de um mesmo processo de trabalho os diversos processos de trabalho particulares, separados segundo o tempo e o espaço, que têm de ser percorridos para produzir o próprio algodão e a massa de fusos gasta e, enfim, fazer fio a partir de algodão e fusos. Todo o trabalho contido no fio é trabalho passado. É uma circunstância completamente indiferente que o tempo de trabalho requerido para a produção dos seus elementos constitutivos se tenha passado anteriormente, se encontre no mais-que-perfeito, e que, pelo contrário, o trabalho imediatamente empregue para o processo final, o fiar, esteja mais perto do presente, se encontre no perfeito. Se uma determinada massa de trabalho, p. ex., de 30 dias de trabalho, é precisa para a construção de uma casa, nada se altera no *quantum* total do tempo de trabalho incorporado na casa pelo facto de o 30.° dia de trabalho ter entrado na produção 29 dias depois do primeiro dia de trabalho. E assim o tempo de trabalho contido no material de trabalho e nos meios de trabalho pode muito bem ser considerado como se tivesse sido despendido apenas num estádio anterior do processo de fiação, antes do trabalho acrescentado por último sob a forma do fiar.

Os valores dos meios de produção, do algodão e do fuso, expressos no preço de 12 sh., constituem pois partes integrantes do valor do fio ou do valor do produto.

Há apenas duas condição a preencher. Algodão e fuso têm alguma vez de haver servido realmente para a produção de um valor de uso. No nosso caso, tem de se ter feito fio a partir deles. É indiferente para o valor qual o valor de uso que o suporta, mas algum valor de uso tem de suportá-lo. Em segundo lugar, pressupõe-se que apenas foi empregue o tempo de trabalho necessário nas condições sociais de produção dadas. Portanto, se apenas fosse precisa 1 libra de algodão para fiar 1 libra de fio, então só podia ter sido consumida 1 libra de algodão na formação de 1 libra de fio. A mesma coisa se passa com o fuso. Se o capitalista tiver a fantasia de empregar fusos de ouro em vez de fusos de ferro, no valor do fio conta, porém, unicamente o trabalho socialmente necessário, i. é, o tempo de trabalho necessário para a produção de fusos de ferro.

Sabemos agora que parte do valor de fio os meios de produção algodão e fuso formam. É igual a 12 sh. ou à materialização de dois dias de trabalho. Trata-se pois agora da parte de valor que o trabalho do próprio fiandeiro acrescenta ao algodão.

Temos agora de considerar este trabalho de um ponto de vista totalmente diferente do que durante o processo de trabalho. Aí, tratava-se da actividade, conforme a um fim, de transformar algodão em fio. Quanto mais conforme a esse fim for o trabalho, tanto melhor é o fio, pressupostas como invariáveis todas as outras circunstâncias. O trabalho do fiandeiro era especificamente diverso de outros trabalhos produtivos, e a diversidade revelava-se subjectiva e objectivamente na finalidade particular da fiação, no seu modo particular de operação, na natureza particular dos seus meios de produção, no valor de uso particular do seu produto. Algodão e fusos servem de meio de vida ao trabalho de fiação, mas não se pode fazer com eles canhões estriados. Na medida em que o trabalho do fiandeiro é, pelo contrário, formador de valor, i. é, fonte de valor, não é de modo algum diverso do trabalho do perfurador de canhões ou, mais perto do nosso caso, dos trabalhos do plantador de algodão e do fabricante de fusos, realizados nos meios de produção do fio. Só devido a esta identidade, plantar algodão, fabricar fusos e fiar podem constituir partes apenas quantitativamente diversas do mesmo valor total, do valor de fio. Já não se trata aqui da qualidade, da índole e do conteúdo do trabalho, mas apenas da sua quantidade. Esta há simplesmente que contá-la. Admitimos que o trabalho de fiação é trabalho simples, trabalho social médio. Ver-se-á mais tarde que a suposição contrária em nada altera a questão.

Durante o processo de trabalho, o trabalho muda constantemente da forma do não-repouso para a do ser, da forma do movimento para a da objectividade. Ao fim de uma hora, o movimento de fiação está manifestado num certo *quantum* de fio, portanto, um determinado *quantum* de trabalho, uma hora de trabalho, está objectivada no algodão. Dizemos hora de trabalho, i. é, o dispêndio da força vital do fiandeiro durante uma hora, pois o trabalho de fiação vale aqui apenas na medida em que é dispêndio de força de trabalho e não na medida em que é o trabalho específico do fiandeiro.

É pois decisivamente importante que, ao longo da duração do processo, i. é, da transformação do algodão em fio, apenas o tempo de trabalho socialmente necessário seja consumido. Se, em condições normais — i. é, sociais médias — de produção, *a* libras de algodão tiverem de ser tranformadas, durante uma hora de trabalho, em *b* libras de fio, então apenas vigora como dia de trabalho de 12 horas o dia de trabalho que transforma 12 x *a* libras de algodão em 12 x *b* libras de fio. Pois apenas o tempo de trabalho socialmente necessário conta como formador de valor.

Como o próprio trabalho, também aqui aparece matéria-prima e produto a uma luz totalmente diferente do que do ponto de vista do processo de trabalho propriamente dito. A matéria-prima vale aqui apenas como sugador de um determinado *quantum* de trabalho. Por meio desta sucção, ela transforma-se de facto em fio, pois a força de trabalho foi despendida, e foi-lhe acrescentada, na forma da fiação. Mas o produto, o fio, é agora apenas medidor do grau de trabalho sugado pelo algodão. Se 1 2/3 libras de algodão são fiadas em uma hora ou transformadas em 1 2/3 libras de fio, então 10 libras de fio indicam 6 horas de trabalho sugadas. Determinados *quanta* de produto, fixados de acordo com a experiência, não manifestam agora senão determinados *quanta* de trabalho, determinada massa de tempo de trabalho fixamente coagulado. São apenas materialização de uma hora, duas horas, um dia de trabalho social.

Que o trabalho seja exactamente o trabalho de fiação, o seu material o algodão e o seu produto o fio, é aqui tão indiferente como que o próprio objecto de trabalho seja já produto, portanto, matéria-prima. Se em vez de na fiação o operário estivesse ocupado na mina de carvão, então o objecto de trabalho, o carvão, estaria por natureza à disposição. Contudo, um determinado *quantum* de carvão extraído da jazida, p. ex., um quintal, manifestaria um determinado *quantum* de trabalho sugado.

Na venda da força de trabalho estava suposto que o seu valor diário = 3 sh. e que nestes últimos estão corporizadas 6 horas de trabalho e que, portanto, este *quantum* de trabalho é requerido para produzir a soma média dos meios de vida diários do operário. Se o nosso fiandeiro transformar, durante uma hora de trabalho, 1 2/3 libras de algodão em 1 2/3 libras de fio[(3\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr3), transformará então em 6 horas 10 libras de algodão em 10 libras de fio. Ao longo da duração do processo de fiação, o algodão suga, portanto, 6 horas de trabalho. O mesmo tempo de trabalho manifesta-se num *quantum* de ouro de 3 sh. Ao algodão é pois acrescentado, pela própria fiação, um valor de 3 sh.

Encaremos agora o valor total do produto, das 10 libras de fio. Nelas estão objectivados 2 1/2 dias de trabalho: 2 dias contidos no algodão e na massa de fusos, 1/2 dia de trabalho sugado durante o processo de fiação. O mesmo tempo de trabalho manifesta-se numa massa de ouro de 15 sh. O preço adequado ao valor de 10 libras de fio ascende, pois, a 15 sh. e o preço de 1 libra de fio a 1 sh. e 6 d.

O nosso capitalista está surpreendido. O valor do produto é igual ao valor do capital adiantado. O valor adiantado não se valorizou, não gerou qualquer mais-valia, o dinheiro não se transformou, portanto, em capital. O preço das 10 libras de fio é 15 sh., e 15 sh. foram despendidos no mercado de mercadorias com os elementos de formação do produto ou, o que é o mesmo, com os factores do processo de trabalho: 10 sh. com algodão, 2 sh. com a massa de fusos consumida e 3 sh. com a força de trabalho. O valor aumentado do fio de nada serve, pois o seu valor é apenas a soma dos valores anteriormente repartidos por algodão, fusos e força de trabalho, e de uma tal mera adição de valores presentes nunca jamais poderia brotar uma mais-valia[(4\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr4). Estes valores estão agora todos concentrados numa coisa, mas eles estavam assim na soma de dinheiro de 15 sh., antes de esta se ter fragmentado por três compras de mercadorias.

Em si e por si, este resultado não é de estranhar. O valor de uma libra de fio é de 1 sh. e 6 d., e por 10 libras de fio o nosso capitalista teria de, portanto, pagar no mercado de mercadorias 15 sh. Quer ele compre no mercado a sua habitação privada já pronta ou a mande ele próprio construir, nenhuma destas operações aumentará o dinheiro desembolsado na aquisição da casa.

O capitalista, que é versado em economia vulgar, dirá talvez que adiantou o seu dinheiro com a intenção de fazer daí mais dinheiro. Mas de boas intenções está o inferno cheio e ele poderia muito bem ter a intenção de fazer dinheiro sem produzir[(5\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr5). Ele então ameaça.

Não o voltam a apanhar! Futuramente, há-de comprar a mercadoria já pronta no mercado em vez de a fabricar ele próprio. Mas se todos os seus irmãos capitalistas fizerem o mesmo, onde há-de ele encontrar mercadoria no mercado? Dinheiro, não o pode comer. Então ele catequiza. Deve-se ter em conta a sua abstinência. Podia ter desperdiçado os seus 15 sh. Em vez disso, consumiu-os produtivamente e fez daí fio. Mas, em compensação, está na posse de fio em vez de de remorsos. Não tem de voltar de modo algum a cair no papel do entesourador, que nos mostrou o que resulta da ascética. Para além disso, onde nada há, o imperador perdeu o seu direito. Qualquer que seja o mérito da sua renúncia, não existe nada *extra*[(6\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr6) para a pagar, pois o valor do produto que resulta do processo é apenas igual à soma dos valores de mercadorias nele lançados. Ele que se tranquilize, que a virtude é a paga da virtude. Mas em vez disso, ele torna-se importuno. O fio é-lhe inútil. Ele produziu-o para venda. Que o venda ou, mais simples ainda, que de futuro produza apenas coisas para a sua própria necessidade — uma receita que já [MacCulloch](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/macculloch_john.htm), o seu médico de família, lhe prescrevera como um meio comprovado contra a epidemia da sobreprodução. Então, ostensivamente, faz finca pé. Haveria o operário, apenas com os seus próprios membros, de criar no ar produtos de trabalho, de produzir mercadorias? Não lhe deu ele a matéria com que e em que aquele somente pode corporizar o seu trabalho? Ora, dado que a maior parte da sociedade se compõe desses tais que nada têm, não prestou ele à sociedade um serviço incomensurável, com os seus meios de produção, o seu algodão e o seu fuso, e ao próprio operário a quem ele, ainda para mais, proveu de meios de vida? E não deverá ele cobrar este serviço? Não lhe terá, porém, o operário prestado o contra-serviço de transformar algodão e fuso em fio? Além disso, não se trata aqui de serviços[(7\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr7). Um serviço não é senão o efeito útil de um valor de uso, seja da mercadoria seja do trabalho[(8\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr8). Aqui, porém, vigora o valor de troca. Ele pagou ao operário o valor de 3 sh. O operário deu-lhe de volta um equivalente exacto no valor de 3 sh. acrescentado ao algodão. Valor por valor. O nosso amigo, ainda agora mesmo tão presunçoso do seu capital, toma de repente a atitude despretenciosa do seu próprio operário. Será que ele próprio não trabalhou? Não cumpriu o trabalho de vigilância, de superintendência sobre o fiandeiro? Não forma este seu trabalho também valor? O seu próprio *overlooker*[(9\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr9) e o seu gerente encolhem os ombros. Entretanto, já ele assumiu novamente, com um sorriso jovial, a sua velha fisionomia. Fizera troça de nós com toda esta ladainha. Não dá cinco reis por isso. Estes e semelhantes pretextos gastos e escapatórias vãs, deixa-os aos professores de economia política, expressamente pagos para isso. Ele é ele próprio um homem prático, que nem sempre tem em conta o que diz fora do negócio, mas sabe sempre o que faz no negócio.

Observemos mais de perto. O valor diário da força de trabalho ascendeu a 3 sh., porque nela própria está objectivado meio dia de trabalho, i. é, porque os meios de vida diariamente precisos para a produção da força de trabalho custam meio dia de trabalho. Mas o trabalho passado, que está metido na força de trabalho, e o trabalho vivo, que ela pode prestar, os seus custos diários de manutenção e o seu dispêndio diário, são duas magnitudes totalmente diversas. A primeira determina o seu valor de troca, a outra forma o seu valor de uso. Que meio dia de trabalho seja preciso para o conservar em vida durante 24 horas, não impede, de modo algum, o operário de trabalhar um dia inteiro. O valor da força de trabalho e a sua valorização no processo de trabalho são, pois, duas magnitudes diversas. Esta diferença de valor, tinha-a o capitalista em vista quando comprou a força de trabalho. A sua propriedade útil, fazer fio ou botas, era apenas uma *conditio sine qua non*[(10\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr10), pois o trabalho, para formar valor, tem de ser despendido em forma útil. O que, porém, decidiu foi o valor de uso específico desta mercadoria: ser fonte de valor, e de mais valor do que ela própria tem. Este é o serviço específico que o capitalista espera dela. E aí procede segundo as leis eternas da troca de mercadorias. De facto, o vendedor da força de trabalho, como o vendedor de qualquer outra mercadoria, realiza o seu valor de troca e aliena o seu valor de uso. Não pode conservar um sem desistir do outro. O valor de uso da força de trabalho, o próprio trabalho, pertence não mais ao seu vendedor do que o valor de uso do óleo vendido ao comerciante de óleo. O possuidor de dinheiro pagou o valor diário da força de trabalho; a ele pertence, portanto, o seu uso durante o dia, o trabalho do dia todo. A circunstância de a conservação diária da força de trabalho custar apenas meio dia de trabalho — embora a força de trabalho possa actuar, trabalhar durante um dia inteiro —, a circunstância de, portanto, o valor que o seu uso cria durante um dia ser duas vezes maior do que o seu próprio valor diário é uma particular felicidade para o comprador, mas de modo algum uma injustiça contra o vendedor.

O nosso capitalista previu o caso, que o faz rir[[N67]](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tn67). O operário encontra, pois, na oficina os meios de produção precisos não apenas para um processo de trabalho de seis horas, mas para um de doze horas. Se 10 libras de algodão sugavam 6 horas de trabalho e se transformavam em 10 libras de fio, então 20 libras de algodão sugarão 12 horas de trabalho e serão transformadas em 20 libras de fio. Consideremos o produto do processo de trabalho prolongado. Nas 20 libras de fio estão agora objectivados 5 dias de trabalho, 4 na massa de algodão e de fusos consumida, 1 sugado pelo algodão durante o processo de fiação. A expressão em ouro de 5 dias de trabalho é, porém, 30 sh. ou 1 lib. esterl. e 10 sh. Este é, pois, o preço das 20 libras de fio. A libra de fio continua a custar 1 sh. e 6 d. Mas a soma de valor das mercadorias lançadas no processo elevou-se a 27 sh. O valor do fio ascende a 30 sh. O valor do produto cresceu cerca de 1/9 acima do valor adiantado para a sua produção. Portanto, 27 sh. transformaram-se em 30 sh. Eles pariram uma mais-valia de 3 sh. O truque foi, por fim, conseguido. Dinheiro é transformado em capital.

Todas as condições do problema estão resolvidas e as leis da troca de mercadorias não foram de modo algum feridas. Equivalente foi trocado por equivalente. O capitalista pagou, enquanto comprador, cada mercadoria pelo seu valor: algodão, massa de fusos, força de trabalho. Fez, então, o que faz qualquer outro comprador de mercadorias. Consumiu o seu valor de uso. O processo de consumo da força de trabalho, que é simultaneamente processo de produção da mercadoria, resultou num produto de 20 libras de fio com um valor de 30 sh. O capitalista volta agora ao mercado e vende mercadoria, depois de ter comprado mercadoria. Vende a libra de fio a 1 sh. e 6 d., nem cinco reis acima ou abaixo do seu valor. E, contudo, retira da circulação 3 sh. a mais do que originariamente lançou nela. Todo este percurso, a transformação do seu dinheiro em capital, se passa na esfera da circulação e não se passa nela; pela mediação da circulação, porque condicionada pela compra da força de trabalho no mercado de mercadorias; não na circulação, pois esta apenas dá início ao processo de valorização, que ocorre na esfera da produção. E assim é *«tout pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles»*[[N68]](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tn68).

Ao transformar dinheiro em mercadorias que servem como formadoras de matéria de um novo produto ou como factores do processo de trabalho, ao incorporar força de trabalho viva à objectividade morta daqueles, o capitalista transforma valor — trabalho passado, objectivado, morto — em capital, valor que se valoriza a si mesmo, um monstro animado que começa a «trabalhar» como se tivesse o amor no corpo[[N69]](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tn69).

Se compararmos agora o processo de formação de valor e o processo de valorização, o processo de valorização não é senão um processo de formação de valor prolongado acima de um certo ponto. Se o último durar apenas até ao ponto em que o valor da força de trabalho, pago pelo capital, é substituído por um novo equivalente, então é um processo simples de formação de valor. Se o processo de formação de valor durar acima deste ponto, então torna-se processo de valorização.

Se compararmos, além disso, o processo de formação de valor com o processo de trabalho, este último consiste no trabalho útil que produz valores de uso. O movimento é aqui considerado qualitativamente, no seu modo particular, de acordo com objectivo e conteúdo.

O mesmo processo de trabalho manifesta-se no processo de formação de valor apenas pelo seu lado quantitativo. Trata-se apenas do tempo de que o trabalho precisa para a sua operação ou da duração ao longo da qual a força de trabalho é utilmente despendida. Aqui, as mercadorias que entram no processo de trabalho já não valem como factores materiais, funcionalmente determinados, da força de trabalho actuante conforme a um fim. Contam apenas como *quanta* determinados de trabalho objectivado. Quer contido nos meios de produção ou acrescentado pela força de trabalho, o trabalho conta apenas segundo a sua medida de tempo. Ele ascende a tantas horas, dias, etc.

Ele conta, porém, apenas na medida em que o tempo gasto para a produção do valor de uso é socialmente necessário. Isto engloba diversas coisas. A força de trabalho tem de funcionar em condições normais. Se a máquina de fiar é o meio de trabalho socialmente dominante para a fiação, então não pode ser dada para a mão do operário uma roda de fiar. Em vez de algodão de qualidade normal, ele não tem de receber refugo, que se rompe a cada momento. Em ambos os casos, gastaria mais do que o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma libra de fio, mas este tempo excedentário não constituiria valor ou dinheiro. O carácter normal dos factores objectivos de trabalho não depende, porém, do operário, mas do capitalista. Uma outra condição é o carácter normal da própria força de trabalho. Na especialidade em que é empregue, ela tem de possuir a medida média dominante de destreza, prontidão e rapidez. Mas o nosso capitalista comprou no mercado de trabalho força de trabalho de qualidade normal. Esta força tem de ser despendida na habitual medida média de esforço, com o grau de intensidade socialmente usual. O capitalista vela ansiosamente por que nenhum tempo seja desperdiçado sem trabalho. Comprou a força de trabalho por determinado prazo de tempo. Faz questão em ter o que é seu. Não quer ser roubado. Finalmente — e para isso tem o mesmo senhor um *code penal*[(11\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr11) próprio —, não pode ter lugar qualquer consumo, contrário à finalidade, de matéria-prima e meios de trabalho, pois material ou meios de trabalho desperdiçados representam *quanta* superfluamente despendidos de trabalho objectivado, portanto não contam e não entram no produto da formação de valor[(12\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr12).

Como se vê, a diferença — obtida anteriormente a partir da análise da mercadoria — entre o trabalho enquanto valor de uso e o mesmo trabalho enquanto cria valor manifestou-se agora como diferenciação dos diversos lados do processo de produção.

Enquanto unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor, o processo de produção é processo de produção de mercadorias; enquanto unidade de processo de trabalho e processo de valorização, ele é processo de produção capitalista, forma capitalista da produção de mercadorias.

Já antes foi notado que para o processo de valorização é completamente indiferente se o trabalho apropriado pelo capitalista é trabalho social médio simples ou trabalho complexo, trabalho de mais elevado peso específico. O trabalho que, face ao trabalho social médio, passa por trabalho superior e mais complexo é a exteriorização de uma força de trabalho em que entram custos de formação mais elevados, cuja produção custa mais tempo de trabalho e que, portanto, tem um valor mais elevado do que a força de trabalho simples. Se o valor desta força é mais elevado, então também ela se exterioriza em trabalho mais elevado e objectiva-se, portanto, nos mesmos espaços de tempo, em valores relativamente mais elevados. Qualquer que seja a diferença de grau entre o trabalho de fiação e o trabalho de joalharia, a porção de trabalho pela qual o operário joalheiro apenas repõe o valor da sua própria força de trabalho não se diferencia qualitativamente, de modo algum, da porção suplementar de trabalho pela qual ele cria mais-valia. Tal como dantes, a mais-valia só surge por um excesso quantitativo de trabalho, pela duração prolongada do mesmo processo de trabalho: num caso, processo de produção de fio, no outro caso, processo de produção de jóias[(15\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr15).

Por outro lado, em qualquer processo de formação de valor, o trabalho superior tem sempre de ser reduzido a trabalho social médio, p. ex., um dia de trabalho mais elevado a *x* dias de trabalho simples[(18\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr18). Assim se poupa uma operação supérflua e se simplifica a análise pela admissão de que o operário, empregue pelo capital, realiza trabalho social médio simples.

**Notas de rodapé:**

(1\*) Em francês no texto: de que se gosta por ela própria. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r1))

(2\*) «Não apenas o trabalho aplicado imediatamente às mercadorias afecta o seu valor, mas também o trabalho consagrado aos acessórios, instrumentos e edifícios de que este trabalho se socorre.» ([Ricardo](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/r/ricardo.htm), 1. c, p. 16.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r2))

(3\*) Os números aqui são totalmente arbitrários. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r3))

(4\*) Esta é a proposição fundamental na qual assenta a doutrina dos fisiocratas acerca da improdutividade de todo o trabalho não agrícola e ela é incontestável para o economista... de profissão. «Esta maneira de imputar a uma só coisa o valor de várias outras» (p. ex., ao linho o sustento do tecelão), «de, por assim dizer, aplicar camada sobre camada vários valores sobre um só, faz com que este cresça outro tanto... O termo adição descreve muito bem a maneira como se forma o preço das produções [ouvrages] de mão-de-obra; este preço não é senão um total de vários valores consumidos e adicionados juntamente: ora, adicionar não e multiplicar.» ([Mercier de la Rivière](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mercier_riviere.htm%22%20%5Ct%20%22_blank), 1. c, p. 599.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r4))

(5\*) Assim, p. ex., em 1844-1847, retirou parte do seu capital ao negócio produtivo para especular com ele em acções dos caminhos-de-ferro. Assim, no tempo da guerra civil americana, fechou a fábrica e atirou com os operários fabris para a rua para jogar na bolsa de algodão de Liverpool. ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r5))

(6\*) Em latim no texto: extra. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r6))

(7\*) «Deixa que te vangloriem, te adornem e embelezem... Contudo, quem recebe mais ou melhor» (do que dá) «isso é usura; e não se chama serviço, mas prejuízo feito ao seu próximo, como sucede com furtar e roubar. Nem tudo aquilo a que se chama serviço e bem ao próximo é serviço e bem ao próximo. Pois uma adúltera e um adúltero prestam um ao outro grande serviço e prazer. Um cavaleiro presta grande serviço de cavaleiro a um incendiário assassino quando o ajuda a roubar na estrada, a guerrear o país e as gentes. Os papistas prestam aos nossos grande serviço, pois nem a todos afogam, queimam, assassinam, fazem apodrecer na cadeia, mas deixam porém alguns viver, e expulsam-nos ou tomam-lhes aquilo que eles têm. O próprio diabo presta aos seus servidores grande e incomensurável serviço... Em suma, o mundo está cheio de serviço — grande, excelente, diário — e boas obras.» ([Martin Luther](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/lutero.htm), An die Pfarrherrn, wider den Wucher zu predigen, etc, Wittenberg, 1540.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r7))

(8\*) Noto acerca disso em Zur Kritik der Pol. Oek., p. 14, entre outras coisas: «Compreende-se que 'serviço' a categoria 'serviço' (service) tem de prestar a um tipo de economistas como [J.-B. Say](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/say_jean.htm) e [F. Bastiat](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/b/bastiat_frederic.htm).» ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r8))

(9\*) Em inglês no texto: capataz. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r9))

(10\*) Em latim no texto: condição indispensável. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r10))

(11\*) Em francês no texto: código penal. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r11))

(12\*) Esta é uma das circunstâncias que encarecem a produção fundada na escravatura. O trabalhador deve distinguir-se aqui, segundo a expressão apropriada dos antigos, apenas como instrumentum vocale do animal — instrumentum semivocale — e do instrumento morto de trabalho — instrumentum mutum[(13\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr13). Ele próprio faz, porém, com que animal e instrumento de trabalho sintam que não é igual a eles, mas sim um homem. Maltratando-os e estafando-os con amore[(14\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr14), obtém o auto-sentimento relativamente a eles. Vigora, pois, como princípio económico neste modo de produção aplicar apenas os instrumentos de trabalho mais rudes, mais pesados, mas — exactamente devido à sua desajeitada rudeza — difíceis de destruir. Nos estados escravistas situados no Golfo do México achavam-se, até ao rebentamento da guerra civil, arados de estrutura [Konstruktion] chinesa antiga, que cavam o chão como um porco ou uma toupeira, mas não o fendem nem o revolvem. Cf. [J. E. Cairnes](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cairnes_john.htm), The Slave Power, London, 1862, pp. 46 sqq. No seu Seaboard Slave States [pp. 46, 47] conta [Olmsted](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/o/olmsted_frederick.htm) entre outras coisas: «Mostram-me aqui instrumentos com os quais nenhum homem no seu perfeito juízo, entre nós, permitiria que fosse sobrecarregado um operário a quem estivesse a pagar salário; e cujo excessivo peso e falta de jeito, em minha opinião, tornariam o trabalho pelo menos dez por cento maior do que com os geralmente usados entre nós. E asseguram-me que, da maneira descuidada e desajeitada em que têm de ser usados pelos escravos, nada de mais leve ou menos rude lhes poderia ser fornecido com boa economia, e que tais instrumentos, como os que constantemente damos aos nossos operários — e tiramos lucro de lhos dar — não durariam um só dia num campo de cereal da Virgínia, por muito mais leve e mais livre de pedras que fosse do que os nossos. Assim, também, quando pergunto por que motivo, na quinta, os cavalos são universalmente substituídos por mulas, a primeira razão que é dada — e confessadamente a mais conclusiva — é que os cavalos não podem suportar o tratamento que os negros lhes impõem; os cavalos são constantemente aguados e aleijados por eles, enquanto que as mulas são capazes de suportar maus tratos ou de perder uma ou duas refeições de vez em quando sem serem materialmente lesadas, e não se constipam nem adoecem se negligenciadas ou extenuadas. Mas não preciso de ir mais longe do que à janela do quarto onde estou a escrever para observar, quase a toda a hora, um tratamento do gado que levaria qualquer fazendeiro do Norte a despedir imediatamente o respectivo condutor.» ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r12))

(13\*) Em latim no texto, respectivamente: instrumento vocal, instrumento semivocal, instrumento mudo. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r13))

(14\*) Em italiano no texto: com amor. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r14))

(15\*) A diferença entre trabalho superior e trabalho simples, «skilled» e «unskilled labour»[(16\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#tr16), repousa, em parte, sobre meras ilusões ou, pelo menos, sobre diferenças que de há muito deixaram de ser reais e apenas persistem na convenção tradicional, em parte, sobre a situação mais desesperada de certas camadas da classe operária que, menos do que a outras, lhes permite obter por ameaças o valor da sua força de trabalho. Circunstâncias casuais desempenham aí um papel tão grande que as mesmas espécies de trabalho mudam de lugar. Onde, p. ex., a substância física da classe operária se encontra enfraquecida e relativamente esgotada, como em todos os países de produção capitalista desenvolvida, em geral trabalhos brutais, que exigem muita força muscular, convertem-se em trabalhos superiores, relativamente a trabalhos muito mais delicados que descem ao nível do trabalho simples, como, p. ex., o trabalho de um bricklayer (pedreiro) em Inglaterra que ocupa um nível muito mais elevado do que o de um tecedor de damasco. Por outro lado, o trabalho de um fustian cutter[(17\*)](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm%22%20%5Cl%20%22tr17) (cortador de algodão) — embora custe muito esforço físico e seja, além do mais, muito pouco saudável — figura como trabalho «simples». Aliás, não devemos pensar que o «skilled labour» ocupe um volume quantitativamente significativo no trabalho nacional. [Laing](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/laing_samuel.htm) calcula que, em Inglaterra (e no País de Gales), a existência de mais de 11 milhões de pessoas repousa sobre trabalho simples. Descontando um milhão de aristocratas e um milhão e meio de indigentes, vagabundos, delinquentes, prostitutas, etc, dos 18 milhões do número de habitantes, ao tempo do seu escrito, sobram para a classe média 4 650 000, incluindo os que vivem de pequenos rendimentos [Rentner], funcionários, escritores, artistas, mestres-escolas, etc. Para chegar a estes 4 2/3 milhões, ele conta como parte trabalhadora da classe média, fora os banqueiros, etc, todos os «operários fabris» mais bem remunerados! Nem sequer os bricklayers faltam entre os «trabalhadores potenciados». Ficam-lhe, pois, os ditos 11 milhões. ([S. Laing](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/laing_samuel.htm), National Distress, etc, London, 1844, [pp. 49-52 passim].) «A grande classe que nada tem a dar por comida senão trabalho ordinário é a grande massa do povo.» ([James Mill](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mill_james.htm) in art. «Colony», Supplement to the Encyclop. Brit., 1831.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r15))

(16\*) Em inglês no texto, respectivamente: «especializado», «trabalho não especializado». (Nota da edição Portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r16))

(17\*) Em inglês no texto, literalmente: cortaodr de fustão. (Nota da edição Portuguesa.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r17))

(18\*) «Onde se faz referência ao trabalho como medida de valor, isso implica necessariamente trabalho de uma espécie particular... sendo facilmente averiguada a proporção que as outras espécies mantêm em relação a ele.» ([[J. Cazenove](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cazenove_john.htm),] Outlines of Polit. Economy, London, 1832, pp. 22, 23.) ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#r18))

**Notas de fim de tomo:**

[N67] Caso, que o faz rir — paráfrase das palavras de Fausto na tragédia homónima de [Goethe](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/goethe.htm), parte I, cena 3 («Gabinete de Trabalho»). ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#n67))

[N68] «Tout pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles» («Tudo pelo melhor no melhor dos mundos possíveis») — aforismo da novela Candide, ou l'optimisme, de [Voltaire](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/v/voltaire.htm). ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#n68))

[N69] [Goethe](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/goethe.htm), Fausto, parte I, cena 5 («Taberna de Auerbach em Leipzig»). ([retornar ao texto](https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm#n69))

Fonte na web: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap05/02.htm>